

O AMOR NOS CORDÉIS SOBRE RAPTOS CONSENTIDOS

Rosemere O. de Santana¹

RESUMO

Pretendemos nesse artigo discutir a partir de alguns cordéis que circularam no Nordeste no período de 1920 a 1940, a prática do rapto consentido. Estes folhetos discorriam sobre a modernidade e as mulheres, sobre a mudança de lugares na sociedade e, como não poderia deixar de ser, tratam dos casos de raptos consentidos. Suas histórias, embora sejam ficcionais, tratam de questões comuns à vivências dos poetas e podem mostrar valores e experiências partilhadas. A maioria dos cordéis tratam não só dos raptos como do amor, tema que enfatiza a busca do ideal romântico, ou seja, a busca pelo amor verdadeiro que tudo pode vencer, mas também trazem à tona a traição, as angústias, as trapaças e mentiras que uma relação amorosa pode produzir. Assim, também nos cordéis os raptos foram traduzidos como experiências do desejo transitório e ardiloso. Sabemos que a literatura de cordel tinha uma circulação ativa, inclusive no interior nordestino. Embora o título de popular acompanhe esse documento não o compreendemos como representação do pensamento popular. Segundo Maria Ângela de Faria Grillo (2008), os cordéis se referiam à preocupação e ao contexto social dos poetas, leitores e ouvintes. Além de tratar de eventos sociais, econômicos e políticos, os cordéis também supriam a escassez de informações, principalmente no sertão nordestino. Desta forma, os cordéis enquanto artefatos culturais literários podem nos remeter a formas distintas de sentir e pensar o amor na prática dos raptos consentidos

Palavras-chave: Raptos consentidos; Cordéis; Relações amorosas.

Os cordéis narram histórias fantasiosas de mocinhas e mocinhos, vilões perversos que quase sempre perdem para o bem e para o amor verdadeiro. Fantasias sobre raptos consentidos, histórias que não aconteceram. Segundo Pesavento (2007), o texto literário faz o historiador deparar-se com sensibilidades passadas, isto é, "possibilidade de atingir aquela 'sintonia fina' que permite captar o passado de outra forma e que deve obedecer ao que chamamos de uma nova 'pedagogia do olhar'". Embora essas histórias de raptos consentidos não tenham acontecido e seus personagens não sejam reais, elas nos aproximam de valores e sentimentos que eram compartilhados ou que ao menos transitavam naquele contexto histórico. (SANTOS, 2006, p.36)

Para Santos (2006), na ficção literária é possível perceber o poder da representação na vida cotidiana humana: "é na relação da literatura com a história que se pode chegar mais perto destas sensibilidades passadas". Para Pesavento:

O historiador é obrigado a realizar sempre uma ficção perspectivista da história, dado que é impossível a existência de uma história que recolha simplesmente o passado nos arquivos... Não se chega, pura e simplesmente, a fatos aprioristicamente estabelecidos por fontes. A história é, neste sentido, sempre construção de uma experiência, que tanto reconstrói uma temporalidade quanto a transpõe em narrativa. (PESAVENTO, 2000, pp.38-9).

Desta forma, os cordéis enquanto artefatos culturais literários podem nos remeter a formas distintas de sentir e pensar o amor na prática dos raptos consentidos. Este amor presente nos cordéis é representativo de um ideal romântico capaz de superar todas as barreiras e todos os perigos.

A prática do rapto consentido, comum no Brasil desde o período colonial, é narrada tanto em livros de memória como em genealogias de famílias. Também aparece no enredo de romances e em "causos" ainda lembrados em histórias narradas oralmente por várias

¹ Professora Doutora do curso de Licenciatura de História da UFCG/CFP.

gerações. Quase sempre a matéria atrelada a um ideal romântico é algo aprendido e difundido socialmente; além de expressar costumes, preside a formação de subjetividades de um dado tempo: na maioria das vezes esta prática envolve dois jovens que se amam, mas que diante de algum obstáculo, principalmente de ordem familiar, decidem concretizar a experiência deste amor através da fuga.

No entanto, nem sempre as histórias de raptos narram o aspecto romântico destas experiências. Há situações em que o casal, aparentemente apaixonado, desenvolve relações consideradas socialmente impróprias, como visto nos casos de homens casados com meninas solteiras mais jovens e pertencentes a segmentos sociais diferentes, em vínculos que parecem significar oportunidades de mudança de vida, principalmente para as mulheres. Em geral são homens e mulheres comuns, trabalhadores, comerciantes, donas de casa, professoras, vendedores, proprietários e agricultores envolvidos em escolhas e decisões com o poder de mudar as suas vidas. Desta forma, na prática do rapto consentido, problematizamos o processo de tomada de decisões dos casais naquilo que significa resolver ou contornar uma determinada interdição à prática amorosa.

Os cordéis analisados circularam no Nordeste no período de 1920 a 1940, embora alguns não tenham sido escritos por cordelistas paraibanos. Sabemos que a literatura de cordel tinha uma circulação ativa, inclusive no interior nordestino; número de tipografias que funcionaram naquele período mostram a popularidade e o consumo dessa literatura.

Embora o título de popular acompanhe esse documento não o compreendemos como representação do pensamento popular. Segundo Maria Ângela de Faria Grillo (2008), os cordéis se referiam à preocupação e ao contexto social dos poetas, leitores e ouvintes. Além de tratar de eventos sociais, econômicos e políticos, os cordéis também supriam a escassez de informações, principalmente no sertão nordestino. Ainda segundo Grillo (2008), os cordéis, na primeira metade do século XX, tiveram um aumento de produção e comercialização; como tratavam de questões presentes no cotidiano vivido, são comuns folhetos tratando de questões que inquietavam aquele período e que, portanto, tinham um público consumidor.

Estes folhetos discorrem sobre a modernidade e as mulheres, sobre a mudança de lugares na sociedade e, como não poderia deixar de ser, tratam dos casos de raptos consentidos. Suas histórias, embora sejam ficcionais, tratam de questões comuns à vivências dos poetas e podem mostrar valores e experiências partilhadas. A maioria dos cordéis trata não só dos raptos como do amor, tema que enfatiza a busca do ideal romântico, ou seja, a busca pelo amor verdadeiro que tudo pode vencer, mas também trazem à tona a traição, as angústias, as trapaças e mentiras que uma relação amorosa pode produzir. Assim, também nos cordéis os raptos foram traduzidos como experiências do desejo transitório e ardiloso.

No cordel *Pedrinho e Juliana* para muita gente casamento é negócio, porém existe amor. O cordelista José Camelo de Melo Resende² tinha esta percepção ao criar uma história que fala sobre o amor invencível que nasce na infância e atravessa o tempo, enfrentando as decepções. Pedrinho se apaixonou por Juliana quando era criança; ele a encontrou em uma igreja e prometeu amor eterno oferecendo um anel como símbolo do seu sentimento. Depois deste encontro eles nunca mais se viram e Pedrinho não conseguiu ser feliz sem encontrar o seu amor.

Neste cordel a representatividade do amor como algo puro e predestinado se dá na infância, pois mesmo ainda crianças os personagens já sabiam que se amariam para sempre. Este artifício não foi utilizado apenas no cordel, pois outras obras de ficção contemporâneas

² José Camelo de Melo Resende nasceu em 20 de abril de 1885, em Pilõesinhos, na época distrito de Guarabira (PB). Morreu em 1964. O cordel analisado não apresenta data, mas deve ter sido produzido provavelmente entre 1930 e 1955.

como as telenovelas também utilizam deste artifício para representar o amor³. Como não conseguia encontrar a sua amada, Pedrinho começou a se embriagar, a brigar com o pai; ele não podia ser feliz sem encontrar o amor verdadeiro e por isto decidiu vagar sem destino certo. Percebemos assim que sem amor nada valeria a pena na vida de Pedrinho, a não ser sair em busca de uma razão para viver.

Em busca deste sentido para a sua vida, Pedrinho foi para uma fazenda onde conheceu Corderinho, rapaz apaixonado pela filha de um coronel; o problema deste romance é que o pai dela não sabia do relacionamento.

corderinho não pedia
porque o velho não dava
para furtar tinha medo
já porque se arriscava
a morrer ou a matar
e a coragem lhe faltava (RESENDE, s/d, p.21).

Pedrinho acusou Corderinho de ser “mole”, mas estava disposto a ajudá-lo:

Corderinho disse: então
eu vou mandar avisá-la
combino com a criada
o dia de ir buscá-la
pode mandar, disse Pedro,
que eu ajudo ir roubá-la.
Rosa era o nome dela
por Rosinha apelidada
nesse dia Corderinho
mandou a velha criada
fazer ciente a Rosinha
o dia de ser raptada
mandou dizer que ficasse
na janela do oitão
e a meia noite em ponto
jogasse logo um colchão
ao ver um cigarro aceso
encostado no portão
e logo mais em seguida
de cima abaixo saltasse
e como não era alto
talvez não se machucasse
mesmo ele a pegaria
antes que o chão aparasse (RESENDE, s/d, p. 22).

Corderinho utilizava a empregada (chamada de velha criada) como ponte para manter contato com Rosinha. Nos raptos romanceados a figura da criada ou da escrava é bem comum e elas são quase sempre cúmplices dos raptos consentidos. Assim, o rapto foi planejado: a noite era o melhor horário para que ele acontecesse, pois todos da casa estariam dormindo e a vigilância era menor. O sinal para a fuga era um cigarro aceso e Rosinha pularia no colchão ou seria amparada por seu amado, mas o coronel era muito atento, desconfiou de algo e armou uma emboscada; neste momento o noivo fugiu com medo, deixando para trás o amigo e a amada. Pedrinho, no entanto, conseguiu raptar Rosinha e a levou para o seu amigo.

No entanto, a família de Corderinho ficou apavorada com a possibilidade de o coronel atacá-los. Pedrinho não tinha nada a temer, não tinha o seu amor, portanto, a sua vida de nada

³ Como a novela “Avenida Brasil” exibida no ano de 2012, que narrou o amor entre Rita e Jorginho ainda na infância e que comoveu boa parte dos telespectadores.

valia, e assim resolve enfrentar o coronel. O coronel ficou impressionado com a valentia de Pedrinho e o convidou para entrar, e neste momento ele conheceu Juliana e percebeu ser ela a mesma menina da infância: os dois se casaram e viveram felizes até a morte. A lição deixada pelo cordel é que quando o amor é verdadeiro tudo vence, além de ser predestinado para acontecer. Pedrinho ajudou o amigo e em troca encontrou o seu amor.

Embora a maioria desses cordéis não possua local exato de produção, era comum que circulassem pelo Nordeste através de “uma rede, nem sempre bem organizada, de mascates e vendedores ambulantes”. Muitos cordelistas como Leandro Gomes de Barros remetiam os seus cordéis através dos Correios, caso algum comprador se interessasse; desta forma, mesmo que os cordéis não fossem produzidos na Paraíba, tinham uma boa aceitação do público paraibano que se identificava com o seus enredos. (GRILLO, 2008, p.433).

Outros cordéis reforçam as histórias de amor predestinadas, a exemplo do cordel *Chiquinho e Juliana drama de amor e páginas dolorosas*, escrito por Antonio Ferreira da Cruz⁴. A história apresenta o caso de dois jovens, um moço muito rico (Chiquinho) e uma moça pobre (Juliana), que nasceram com a sina de casarem-se revelada para o pai do moço por uma vidente. Este preferiu jogar o filho ainda criança no mar a permitir o futuro relacionamento, mas o menino foi recolhido por um capitão e, quando jovem, retornou para o lugar onde nasceu e reencontrou Juliana.

No entanto, Juliana também tinha sido vítima dos interesses familiares e foi obrigada a casar com o negro Sanches. Neste cordel, a figura do negro foi usada para representar o lado negativo e pejorativo da história. O negro era rico e por isto a mãe de Juliana planejou o casamento da filha com ele, mas Juliana astutamente arquitetou um plano: pela manhã se casaria com Sanches e à noite fugiria com Chiquinho.

olha de hoje a 3 dias
eu pretendo me casar
toque fogo no pacote
para não se demorar
e no dia a meia noite
no portão vá me esperar (CRUZ, s/d, p. 11).

O casamento aconteceu e Juliana já tinha planejado tudo sobre a fuga; disse ao marido que precisava descansar para mais tarde agradá-lo, e assim ele deu a chave do quarto onde estava uma burrinha com todo o dinheiro dele.

juliana entrou no quarto
logo a burra destrancou
200 contos que tinha
tirou tudo e carregou
foi ao portão do quintal
com seu amante encontrou

chiquinho quando viu ela
ficou com muita alegria
tratou com todo respeito
porque assim merecia
entregou-lhe uma criada
para a sua companhia (RESENDE, s/d, p.14).

Os dois fugitivos casaram-se na Rússia; Sanches morreu quando viu o retrato da esposa com Chiquinho e a mãe de Juliana morreu ao quebrar o pescoço. Embora, essa história não seja permeada pela pureza ou pela coragem dos sentimentos, ela explora o rapto, ou

⁴ Antonio Ferreira da Cruz nasceu em Ingá (PB), em 1876. O cordel não possui data.

melhor, a fuga, como uma “trapaça” do fraco: a fuga só concretiza um plano previamente articulado para tirar vantagens daqueles que antes assumiam os papéis de opressores. Assim, este caso de rapto não explora a coragem do raptor, mas a esperteza da raptada com seu plano vitorioso. E como os outros, este cordel deixa uma lição: o amor compensa, mas quem o atrapalha sempre é castigado.

Existem também os cordéis que falam de amores à primeira vista, como o cordel *História do valente sertanejo Zé Garcia*, escrito por João Melquiades da Silva. Este cordel conta a história de Zé Garcia: fugindo de uma falsa acusação de sedução da filha de um cangaceiro, Garcia foi morar na fazenda de um amigo de seu pai. Lá ele se destacou por dominar um touro que ninguém mais conseguia segurar. Sinfonosa, filha do poderoso coronel Feitosa, se apaixonou por ele.

sinfonosa foi sentar-se
de frente com ze garcia
e o olhar da donzela
somente se dirigia
para o moço do serido
que também correspondia (SILVA, J. p.19)

Para se aproximar de Zé Garcia, Sinfonosa foi com uma amiga chamada Zulmira ao quarto do rapaz e, encantada com a valentia do moço, acertou logo o casamento com ele:

o senhor casa comigo
visto ser rapaz solteiro
se tiver muita coragem
cavalo bom e dinheiro
para fugirmos daqui
e correr um mes inteiro (SILVA, J. p. 20).

O tempo entre o momento que os jovens se conheceram e a proposta de casamento foi curtíssima: o amor à primeira vista estava predestinado para os dois.

Zé Garcia, ao ouvir a proposta de Sinforosa, não pensou duas vezes e aceitou o casamento:

eu tenho muita vontade
lhe digo de coração
quando arrumar os cavalos
e dinheiro no matulão
fugiremos do piaui
a bem de nossa união (SILVA, J. p. 20).

Garcia planejou a fuga enquanto transcorriam os dias. Ele comprou vários cavalos e os colocou em lugares estratégicos, pois durante a fuga, quando um animal se cansasse, haveria outro para substituí-lo. No entanto, havia um problema: Sinforosa só queria fugir em companhia da amiga Zulmira. Logo, a solução foi apresentar o irmão de Garcia a Zulmira, e também contar com a ajuda dele para o rapto das duas moças:

nesse dia combinaram
garcia mais sinforosa
e o seu irmão lourival
raptar zulmira feitosa
do sabado para o domingo
fugida bem temerosa

sinforosa disse aos garcias:

não tenho que avisá-los
esperem atrás do curral
já prontos os cavalos
que saio com Zulmirinha
na primeira voz dos galos

no ponto estavam os garcias
cantaram os galos na hora
sinforosa e zulmirinha
a meia noite saíram fora
e disseram aos garcias
fujamos vamos embora

ze garcia tomou conta
da donzela sinforosa
lourival pegou na mão
de zulmirinha feitosa
disseram adeus piaui
terra de moça formosa (SILVA, J. p. 22).

O duplo rapto então foi acertado e bem planejado: o melhor horário para a fuga seria o noturno e, no lugar combinado, os casais se encontram e fugiram; casaram-se ao chegar em Cajazeiras, no sertão paraibano. Os pais saíram em busca das filhas e ao encontrá-las permitiram a realização dos casamentos. Mais uma vez percebemos personagens comuns aos cordéis, como o pai intransigente que, neste caso, se sensibilizou ao ver a filha casando.

Os coronéis ainda eram figuras comuns na época em análise, principalmente nas cidades interioranas da Paraíba; as histórias contadas oralmente sobre como coronéis comandavam as cidades fazem parte de um conjunto de memórias compartilhadas até hoje. Os coronéis eram responsáveis também pela manutenção de uma extensa rede de compadrios, punindo severamente aqueles que desobedeciam ou atacavam esta rede. Linda Lewin (1993) analisa o poder que este patriarca exercia na vida íntima de seus filhos e afilhados, inclusive na escolha de um noivo ou de uma noiva. No entanto, principalmente a partir da década 1920, este poder começou a ser questionado em prol de um estado modernizado que, no âmbito da família, investia no casamento por amor.

Nos casos dos cordéis apresentados, a honra da raptada era mantida com a efetivação da relação sexual apenas depois do casamento. Desta forma, os cordelistas também compartilhavam determinados valores morais da época, ao mesmo tempo em que falam de mulheres que tinham a iniciativa do rapto, como Sinforosa, ou de mulheres que tramaram a própria fuga, como Juliana.

Seguindo as histórias romantizadas, João Severino de Lima escreveu o cordel intitulado *O amor e o destino*, que como o próprio título anuncia tem o amor como personagem central e principal motivador para o rapto:

Quem ama enfrenta batalha
Na mais cruel amargura
Porém é sempre aspirando
Que ainda morrendo leva
O amor a sepultura. (LIMA, s/d, p. 329).

Para o cordelista nem a morte era capaz de acabar com o amor, como conta a história de Geraldo Lins Cavalcante, que encontrou o seu grande amor em uma festa. Tratava-se de Emília Nunes Portela, filha de um milionário que não iria aprovar esse relacionamento, já que Geraldo não era rico. E foi o que aconteceu; com a negativa do pai de Emília em relação ao casamento, Geraldo tomou uma decisão e escreveu uma carta de amor para Emília:

Dizia a carta
Existe dificuldade
No nosso amor pois teu pai
Usou de brutalidade
Porém isto não impede
De eu ti ter amizade.
Pra fazenda diamante
Hoje vou me retirar
Tu ficas me aguardando
Pra quando um dia eu voltar
Se tu quizeres fugir
Logo eu te raptar. (LIMA, s/d, p.330).

O pai desconfiou que Geraldo pudesse tramar um rapto e, por isto, obrigou a filha a viajar para casar com um homem rico; durante a viagem acontece um naufrágio e o pai de Emilia acreditou que a filha havia morrido. Geraldo se sentiu culpado pela morte da amada e saiu sem destino, mas depois de anos de sofrimento os dois se reencontraram e viveram felizes. Embora o rapto não tenha se concretizado, foi uma possibilidade acionada para efetivar o relacionamento que tinha como impedimento a condição social dos envolvidos. Mais uma vez o sofrimento persistiu até o final feliz do casal.

No cordel *Cidrão e Helena*, escrito por Severino Gonçalves de Oliveira, a história de dois jovens apaixonados separados pela condição social de um deles se repete. O pai, exercendo sua vontade e poder, embarcou a filha para outro país com o intuito de separar os apaixonados. Novamente o amor aparece como justificativa de todas as loucuras: Cidrão produziu uma pequena embarcação e saiu em busca de Helena, mas acabou naufragando. Quando resgatado, Cidrão foi ao encontro de Helena, como se o destino confabulasse para a realização desse relacionamento, quando surge um problema: Helena estava de casamento marcado com o negro, que mais uma vez foi representado na literatura de cordel de forma pejorativa.

Ao reencontrar Cidrão, Helena planejou todo o rapto, entregou as suas jóias para serem vendidas e com o dinheiro da venda custear os cavalos para a fuga. E assim, no dia do casamento:

No momento que o Cidrão
Foi avistando a donzela
Pegou no braço e disse
Venha cá querida bela
Montou-se ali no cavalo
E queimou o chão com ela. (OLIVEIRA, s/d, p.565).

O marido de Helena e os capangas do pai dela foram atrás do casal, mas Cidrão matou todos e ainda voltou para a casa do sogro para resolver a situação:

Cidrão naquele momento
Deu grito e disse assim
Foi eu o tal que raptei
A sua filha pra mim
Encostou-se a ele e disse
Me diga se achou ruim. (OLIVEIRA, s/d, p.565).

Depois desta ameaça, o casamento foi realizado e os noivos viveram felizes sem mais perseguições. Percebemos neste rapto como o amor encorajou os indivíduos, inclusive para realizarem o rapto, e como a autoridade do pai foi questionada por Cidrão, ou seja, a figura do

patriarca inquestionável a quem todos temiam foi desafiada pela coragem de um homem apaixonado. Quem venceria: o amor, é claro.

Nem todos os cordelistas em suas tramas idealizavam um final do tipo “felizes para sempre”. José Galdino da Silva⁵ escreveu o cordel *A triste sorte de Jovelina*, e nesta a saga, que se passa no “sertão do Cariri” paraibano, ela se apaixonou pelo afilhado de seu pai que não aceitou o relacionamento. Diante disto, ela escreveu uma carta para o rapaz propondo o rapto:

Ele disse que amanhã
Você terá que sair para casa do teu pai
Com certeza tens de ir
Se quiser vir me buscar
Marque o dia e o lugar
Pronta estou para seguir. (DUDA, s/d, p.112).

Em resposta à carta, Daniel escreveu:

As 4 horas da tarde
Eu tenho que viajar
Para casa dos meus pais
Como quem vou passear
E logo que eu sair
Cuide em se prevenir
Que eu venho te buscar
Quarta feira estarei
A noite lá no curral
Pronto pra ti levar
E para tudo afinal
O que nos aparecer
Tudo hei de resolver
Na ponta do meu punhal. (DUDA, s/d, p.112).

Os dois tramaram o rapto para a noite e fugiram como o combinado, mas este rapto não teve um final feliz: Jovelina morreu atacada por um tigre e Daniel, depois de vingar a morte da amada, foi perdoado pelo padrinho e se casou com a irmã de Jovelina. Embora os apaixonados não terminem juntos no final da história, o sofrimento de Daniel foi recompensado com a presença de um novo amor.

Ao analisar as interdições presentes nestes raptos consentidos narrados nos cordéis, percebemos o prevalectimento da interdição paterna, ou seja, o pai não autorizava o relacionamento, muitas vezes embasado em interdições como a social, por exemplo. No entanto, a figura constantemente utilizada do coronel nos faz problematizar o próprio contexto social daquele período, pois mudanças estavam acontecendo como a emergência de uma classe média que lutava contra o estado patrimonialista, criticando não só o âmbito político como também o privado.

Acionar os elementos de um suposto universo nordestino, como o coronel e a sua força cruel pautada no poder, também era uma forma de criticar a situação, pois estes elementos já estavam em crise. Logo, só a presença de um outro homem corajoso, impulsionado pelo amor, era capaz de deter a figura do coronel, mas sem abdicar das qualidades de um homem viril e másculo, de um homem capaz de lutar sozinho contra os jagunços que protegiam os coronéis e, portanto, de um homem pautado na força.

A força do coronel estava alicerçada na proteção de outros homens. Já o “mocinho”, o raptor, pautava a sua força unicamente em sua coragem. Esses valores representativos do

⁵ José Galdino da Silva Duda nasceu em 1866 e faleceu em 1931.

mundo masculino nos encaminham para uma percepção das relações de gênero próprias desse grupo de cordelistas. As mulheres quase sempre eram vítimas de uma ordem que não lhes permitia decidir sobre suas próprias vidas, embora algumas tenham tido participação ativa no planejamento e na execução do rapto os raptos e o amor, no entanto, são sempre os heróis dessas histórias.

A representação da sociedade paraibana através dos cordéis ainda estava regida por normas e comportamentos masculizados que relegava a mulher a um lugar de passividade, enquanto o homem que se projetava como poderoso e dominador. Nesta perspectiva, raptar uma mulher ainda parecia a muitos homens como um direito quase que natural. Antigos costumes que ainda persistiam numa Parahyba que tentava se adaptar às novas regras de civilidade impostas pelo estado republicano, como o incentivo ao casamento civil e o controle da violência doméstica.

Um rapto que pode ser ilustrativo desse comportamento desviante foi o da menina Dadá pelo cangaceiro Corisco. Neste episódio uma menina de treze anos foi levada por um “fora da lei” para integrar um bando de cangaceiros infiltrados na caatinga, mas a história celebra o nascimento de um amor entre ambos ao evidenciar que Corisco teria esperado a menina tornar-se mulher. Sabe-se que a figura do *cangaceiro* dividia opiniões; para alguns homens e mulheres das camadas populares, o cangaceiro poderia apresentar-se como um herói, desde que não desrespeitasse as famílias e nem a honra das moças. Entretanto, é possível que mocinhas sonhadoras se sentissem atraídas por este ideal de homem-macho nordestino, ou seja, aquele que enfrentava destemidamente os senhores e a ordem vigente.

Nesta perspectiva, os cordelistas sabiam o que as pessoas gostavam de ouvir quando se tratava das histórias de amor; compartilhavam os valores de uma época, mas também deixavam as suas percepções sobre o contexto social no qual estavam inseridos. Os raptos consentidos eram práticas subversivas, acionadas para concretizarem um desejo amoroso impedindo por diferenças sociais ou pela intransigência de um pai. Se nos processos-crime os raptos também eram permeados por questões práticas, nos cordéis eles se transformavam na única possibilidade de realização de um amor quase impossível. Valores como honra, virilidade, coragem, fidelidade e até sofrimento são compartilhados nessas histórias protagonizadas por sujeitos que denunciavam a dureza das desigualdades sociais, inclusive nas relações amorosas. Talvez por isto os cordéis encantavam homens e mulheres paraibanos, pois ao mesmo tempo em que tratavam das dificuldades dessa gente, também disseminavam a crença de que o amor tudo supera e tudo vencia, sendo os raptos consentidos o meio para a realização desses sonhos amor.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Limites do mando, limites do mundo:** a relação entre identidades de gênero e identidades espaciais no nordeste do começo do século. In: *História: Questões & Debates*. Vol. N. 34. p. 89-103. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

BESSA, Karla Adriana Martins. **Jogos de sedução:** práticas amorosas e práticas jurídicas, Uberlândia – 1950 a 1970. Dissertação (Mestrado em História) 1994. Universidade Estadual de Campinas.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Identidades de gênero, amor e casamento em Terezina (1920-1960).** 2010. Tese (doutorado em História). Universidade federal Fluminense.

CASCUDO, Luis da. **O casamento por captura.** O Estado de São Paulo. 19 jan. 1958. São Paulo. Etnografia e folclore.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra:** moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas – SP: Editora da UNICAMP, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

CERTEAU, Michel d. **A invenção do cotidiano:** vol. 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas:** os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Editora. 1989.

GNACCARINI, José César. **O Rapto das Donzelas.** Tempo Social, Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 1(1): 149-168, 1.sem. 1989.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **Evas ou Marias?** As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos. Revista esboços. Vol. 14, nº 17, 2007 — UFSC.

_____. **Arte, cotidiano e emoção nos folhetos populares nordestinos de 1900-1940.**

MONTENEGRO, Antonio Torres, et al (org) **História: cultura e sentimento: outras Histórias do Brasil.** Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: ED. da UFMT, 2008.

LANGUE, Frederique. **O sussurro do tempo:** Ensaio sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França in: ERTZOGUE, Marina Haizenreder & PARENTE, Temis Gomes. **História e Sensibilidade;** Brasília : Paralelo 15, 2006.

LEWIN, Linda. **Política e parentela na Paraíba.** Um estudo de caso da oligarquia de base familiar. Rio de Janeiro: Record, 1993.

LINS, DANIEL SOARES. **Lampião:** o homem que amava as mulheres: imaginário do cangaço. São Paulo: ANNABLUME, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História cultural.** 2ª. Ed. Belo Horizonte: Autêntica 2004.

_____. **Fronteiras da ficção** - diálogos da história com a literatura. Coimbra: Faculdade de Letras, 2000, p.38-9.

_____. **Sensibilidades:** escrita e leitura da alma. In: _____ e LANGUE, Frédéric (orgs.) **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SANTOS, Maria Weber. **Histórias de sensibilidades:** espaços e narrativas da loucura em tres tempos (Brasil, 1905/1920/1937). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, maio 2005. Doutorado em História.

SANTOS, Nádia Maria Weber. **Nas “entrelinhas” da história:** sensibilidade e exclusão em narrativas da loucura. *Revista História Unisinos* Vol. 10 Nº 1 - janeiro/abril de 2006.

CORDÉIS

CRUZ, Antonio Ferreira da. **História de dois amantes Chiquinho e Juliana**, drama de amor e de páginas dolorosas de. Proprietários filhos de José Bernardo da Silva. S/d.

DUDA, José Galdino da Silva. **A triste sorte de Jovelina**. In: 100 cordeis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Mossoró: Queima-Bucha, 2008. pp. 377-383.

FERREIRA, João Melquiades Ferreira. **História do valente sertanejo Zé Garcia**. BARROS, Leandro Gomes de. As proezas de um namorado mofino. Editora Guajarina, 1938.

LIMA, João Severo de. **O amor e o destino**. In: 100 cordeis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Mossoró: Queima-Bucha, 2008. pp. 377-383.

OLIVEIRA, Severino Gonçalves de. **Cidrão e Helena**. In: 100 cordeis históricos segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Mossoró: Queima-Bucha, 2008. pp. 377-383.

RESENDE, José Camelo de Melo. **Pedrinho e Juliana**. Editora Prelúdio Limitada. São Paulo. s/d.